

CEMITÉRIO: MUSEU A CÉU ABERTO – UM NOVO OLHAR AO CAMPO SANTO. PROPOSTA DE MUSEALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DA IGREJA LUTERANA DO ESPÍRITO SANTO DE BLUMENAU SC

RAQUEL BRAMBILLA*

Resumo: A pesquisa, Cemitério: Museu a céu aberto – Um novo olhar ao Campo Santo, sugere um novo olhar à necrópole e analisa a possibilidade de musealização de cemitérios, até então não classificados na tipologia dos espaços museais. Comumente vistos pela sociedade como espaços mórbidos e desoladores, os cemitérios são espaços repletos de signos e significados tornando-se uma instituição cultural, onde há uma busca ininterrupta por eternizar as raízes sociais. A sociomuseologia defende que o patrimônio deve ser integral, ou seja que apresente uma interação com a comunidade onde está inserido. Conhecendo o espaço, seus significados, suas possibilidades a sociedade se envolverá tornando o processo da preservação algo natural e consciente.

Palavras-chave: Cemitério; Museu; Significado; Preservação.

Abstract: The research, Graveyard: Open air museum – A new look at *Holy Field*, suggests a new view to the necropolis and analyzes the possibility of musealization cemeteries hitherto not classified in the typology of museum spaces. Commonly seen by society as morbid and desolate spaces, cemeteries are spaces full of signs and meanings becoming a cultural institution where there is a continuous search for immortalizing the social roots. Sociomuseology claims that the patrimony must be integral, that is to present an interaction with the community where it operates. Society becomes involved making the process of preserving it natural and consciously by knowing the space, their meanings and possibilities.

Keywords: Cemetery; Museum; Meaning; Preservation.

* UNIBAVE – Centro Universitário Barriga Verde. rachel.brambilla@yahoo.com.br.

Repletos de superstições e credices populares, vistos como espaço mórbido, na maioria das vezes e banido dos olhares da sociedade, os cemitérios atualmente estão chamando atenção de profissionais ligados ao estudo e preservação do patrimônio. São sítios carregados de significados seja religioso, social, étnico, político ou cultural. Apontados por Ariès como «uma instituição cultural (...) um sentido de continuidade histórica e raízes sociais»¹.

O objetivo da pesquisa versa sobre a importância histórica e cultural do campo santo – cemitério, bem como apresenta nova possibilidade de olhares e significados por meio da musealização do Cemitério da Igreja Luterana do Espírito Santo – Centro/Blumenau BR.

Como referenciais teóricos direcionados a Museologia, debruçou-se sobre bases legais que norteiam a regulamentação de espaços museais brasileiros, além das Cartas Patrimoniais Internacionais que influenciam o pensamento e a prática museológica nos dias atuais. Investigou-se a corrente conceitual denominada de sociomuseologia, defendida pelo estudioso Mario C. Moutinho. No que tange ao estudo cemitierial o foco foi direcionado para a obra de Ariès Philippe *O Homem diante da morte*, e também para a obra de Clarival do Prado Valladares *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Além é claro de estudos referente às obras dos respeitados autores cemitieriais como Maria Elizia Borges, Elisiana Trilha Castro, Eduardo Morgado Rezzende e Harry R. Bellomo.

1. CEMITÉRIO: A CIDADE DOS MORTOS

No decorrer dos tempos, cada civilização procurou uma solução para os seus mortos. A morte sempre foi um mistério para o homem. A consciência e a recusa da finitude causa o sentimento profundo de impotência. Esse fim não é transferível, é individual, e o homem tem em si o desejo de sentir-se imortal.

É possível que desse desejo derive a preocupação com a conservação do corpo do morto, seja por meio da mumificação, da cremação ou dos rituais mais diversos. Esse ato visa também à preservação da identidade, da união da família, das tribos e das comunidades, condição que leva à necessidade de definir espaços para depositar seus mortos. Primeiramente em espaços quaisquer e após o advento do catolicismo, o enterramento começou a ser praticado nos interiores das igrejas, pois a «[...] igreja era uma das portas de entrada do Paraíso»².

¹ ARIÈS, 1982:570-579.

² REIS, 1991: 15.

O acúmulo dos mortos no interior das igrejas católicas mais precisamente na França, na segunda metade do século XVIII, passou a ser inaceitável para a população definida como esclarecida por Philippe Ariés: «Aquilo que durava há quase um milênio sem provocar reserva alguma já não era suportado e se tornava objeto de críticas veementes»³. Aponta-se naquele momento também, a questão do comprometimento da saúde pública devido aos miasmas provenientes das fossas situadas no interior das igrejas. Libertar-se deste antigo costume não foi uma solução pacífica nem tarefa fácil para a população, pois, afinal, tratava-se de um hábito que vinha sendo cultivado por muitas gerações.

Foi segundo estudos relacionados aos princípios higienistas escritos por Johann Peter Frank médico sanitarista alemão (1779-1819), que os costumes funerários na Europa passaram por um processo de mudança, segundo afirma Carlos Alberto Cunha de Miranda em seu artigo: «Da polícia Médica à cidade higiênica medicalização da casa, do corpo até a morte». A partir de então, criaram-se regras para o procedimento do destino final dos corpos, como a obrigatoriedade de se fazer o sepultamento, a necessidade da sepultura individual para cada defunto e a utilização da regulamentação de serviços funerários independente da religião. A localização dos espaços cemiteriais deveria ser em lugares elevados, bem arejados, com ruelas e bem arborizados para ajudar a filtrar o ar e os ventos ao contrário das cidades, para que possíveis odores não prejudicassem os moradores. Sendo este o início do conceito de cemitério que é mantido ainda no século XXI⁴.

Diante desta condição, surge um novo espaço na cidade, com a função de banir os mortos em nome da higiene: o Cemitério. Termo de origem grega que o cristianismo adotou, originário da palavra *KOIMETÈRION*, que se referia ao lugar onde se dormia. «Adotando o termo, a Igreja Católica lhe conferiu um sentido próprio, ou seja: ‘descanse em paz’ após a morte, onde se espera a ressurreição [...]»⁵.

1.1. Os espaços dos mortos no Brasil

Os costumes de sepultamentos aqui no Brasil não eram diferentes dos europeus. No ano de 1828, a corte portuguesa alertava, por meio de documento, o cumprimento da legislação em suas colônias e sobre o perigo de doenças provocadas por enterramentos desordenados. A norma deixava clara a urgência da delimitação de espaços para o sepultamento e que fosse permitido a qualquer família a construção de sepulturas.

³ ARIÈS, 1982: 33.

⁴ BLUME, 2010.

⁵ REZENDE, 2007: 22.

Apesar de haver uma legislação nacional⁶ desde o ano 1828 que proibia a prática do ritual de sepulcro no interior das igrejas, este, ultrapassou o século XIX. Inúmeras foram às manifestações de protesto contra a criação de espaço para sepultamento fora das igrejas, contudo a lei foi aos poucos sendo cumprida e passou-se gradativamente a utilizar o espaço fora dos templos religiosos, local antes destinado para aqueles que não eram batizados, acatólicos, suicidas, escravos e os católicos que não podiam pagar pelo sepultamento no interior das igrejas.

O cemitério começa a se formar e lentamente é demarcado pela ostentação de diferenças. Cabe salientar que os campos santos, como conjunto de sepulturas, teve sua gênese em terras brasileiras pelas mãos dos religiosos das Ordens Terceiras que eram associações de leigos católicos em torno de seu padroeiro.

O início do século XX é marcado pela *Belle Époque*, período de profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano. Os padrões de embelezamento das cidades europeias refletiam-se no Brasil. Começava-se a perceber a importância da higiene, do saneamento, da iluminação, dos jardins e, principalmente, a necessidade de afastar da cidade a visão, os odores desagradáveis e perniciosos dos mortos.

Nasce desta forma, o cemitério geral, e é nesse momento que a forma de perpetuação da memória do morto começa a se destacar seja por meio da construção, da ornamentação, das inscrições nas lápides e da localização do sepultamento⁷.

2. BLUMENAU, A SUA HISTÓRIA

Para chegarmos ao que hoje é o Cemitério da igreja Luterana do Espírito Santo – Centro / Blumenau SC, é preciso conhecer um pouco da história da cidade.

Blumenau está situado na região Sul do Brasil, no Estado de Santa Catarina. Conhecida como uma das cidades de maior influência germânica, pois foi colonizada inicialmente e em maior número, por alemães, e somente mais tarde por italianos, poloneses, russos e as demais etnias.

A onda imigratória para o então recém independente país – Brasil – não ocorreu por acaso. Durante o século XIX, o continente europeu enfrentava uma considerável mudança no que se refere à economia e à política. O meio social estava começando a sofrer com estas alterações, com a adaptação à industrialização e ao novo capitalismo.

⁶ Lei de 1º de Outubro de 1828 (art. 66 parágrafo 2º), promulgada por D. Pedro I (BORGES, 2006: 2).

⁷ BORGES, 2002: 36.

A apresentação de um ‘Novo Mundo na América’ pela imprensa europeia, era vista de forma contagiante. O governo brasileiro apresentava inúmeras vantagens para quem quisesse imigrar para estas terras, pois diversos eram os interesses da coroa brasileira. Primeiramente, a necessidade de substituição da mão de obra escrava, em seguida, a necessidade na ocupação das terras no interior do país e a evidência da preocupação quanto ao branqueamento da população. O território brasileiro foi um dos destinos mais procurados pelos imigrantes, pois: «[...] permitia aos imigrantes professar a sua religião [...] manter parte de seus costumes e ainda falar o idioma de sua terra natal»⁸.

O assentamento dos imigrantes no sul do Brasil se deu de forma gradual. A colônia Blumenau teve a sua gênese no ano de 1848, quando o então Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau enviou para o Governo Provincial um projeto de colonização que visava à fixação de imigrantes europeus na então região do Vale do Rio Itajaí. Anterior ao projeto implantado, a região era habitada pelos índios da tribo Xokleng, e também sendo o lugar percorrido por curiosos, aventureiros e caçadores⁹. A ocupação territorial da colônia se deu efetivamente em 1852 quando os primeiros lotes de terras foram vendidos.

Inúmeras foram às adversidades que estes imigrantes enfrentaram. Deixaram uma Europa em pleno processo de industrialização, para partir em busca de prosperidade na nova terra.

2.1. O imigrante alemão e os novos costumes

Ao chegarem à colônia, os ‘novos brasileiros’ ficavam frente a frente com a realidade, muitas vezes oculta nas mídias realizadas na Europa. Tudo por fazer. Desde abertura da mata para dar acesso ao lote de terras adquirido, a construção da sua moradia, a derrubada da floresta com o intuito de preparar a terra para o plantio, bem como o convívio com uma nova fauna e flora. Tudo era um aprendizado para que com o passar do tempo soubessem lidar com os acontecimentos do dia a dia.

A morte era uma constante no cotidiano dos imigrantes. Morria-se de parto, sífilis, tétano, apendicite, sarampo, tifo, em função de picadas de cobras, de aranhas, de febre amarela e malária. A taxa de natalidade era elevada, mas também a expectativa de vida era muito baixa.

Os lotes de terra vendidos eram distantes um do outro o que causava o isolamento das famílias e este distanciamento criou situações muitas vezes difíceis, como foi narrado por um colono:

⁸ FERREIRA & KOEPSEL, 2008: 45.

⁹ BACA, 2007: 25.

[...] certo dia, às duas horas da tarde, apareceram no local em que trabalhava com alguns companheiros as senhoras Bendlin e Hackbarth lavadas em lágrimas, comunicando a morte do marido de uma delas, o colono Bendlin [...] não havia nas imediações, quem pudesse ajudá-las a dar sepultura ao defunto e isso era justamente o que mais as afligia¹⁰.

Evidencia-se, neste trecho, a necessidade da então senhora em dar ao falecido um enterramento digno do espírito cristão. Esta dificuldade era sentida já nos primeiros tempos da colonização, conforme o relato de Dr^o Blumenau ao Presidente da Província de Santa Catarina: «[...] os colonos que moram mais distantes [...] pela absoluta necessidade física de enterrar os seus defuntos, enterram em seus lotes de terra como infelizmente e repetidamente foi indispensável»¹¹.

Quando Hermann Blumenau fundou a colônia assumiu perante os imigrantes o compromisso de proporcionar-lhes assistência religiosa. Nesse contexto, prevaleciam imigrantes que professavam a religião evangélica luterana. Até a chegada do primeiro pastor, era Hermann Blumenau quem ministrava a palavra: «[...] reunia-os no barracão dos imigrantes, aos domingos e dias festivos para fortalecê-los com a palavra divina, lendo trechos da Bíblia e fazendo preleções [...]»¹².

Sete anos após a constituição da colônia Blumenau, mais precisamente no dia 09 de agosto de 1857, no barracão que abrigava os imigrantes, ocorreu oficialmente o primeiro culto evangélico, celebrado pelo pastor Rudolph Oswald Hesse. Logo em seguida, foi providenciado um lote de terras para a construção de um espaço destinado a religiosidade dos colonos. Criou-se então, o primeiro cemitério da colônia Blumenau, destinado ao enterramento dos imigrantes luteranos e católicos. «Dr. Blumenau tratou [...] da construção da casa pastoral, [...]. Ao mesmo tempo da construção de um templo provisório, onde pudessem ser realizados os cultos, ficando uma parte do terreno reservado para o cemitério»¹³.

Diferentemente de algumas cidades brasileiras que tiveram sua constituição na metade do século XIX, a colônia Blumenau, já demarcou o espaço para o enterramento dos seus mortos. Influenciado pelo modelo higienista europeu, o então proprietário da colônia Hermann Bruno Otto Blumenau, estabeleceu no alto de uma colina o campo santo que atenderia a toda a população da colônia, não importando o credo que professasse.

Atualmente o Cemitério Luterano Centro de Blumenau é destaque e ponto de referência na comunidade. Envolvido pela expansão urbana, incorporou-se à paisa-

¹⁰ BLUMENAU EM CADERNOS. 2001: 20-23.

¹¹ MORATELLI, 2008: 53.

¹² KILLIAN, 1957: 03.

¹³ COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BLUMENAU, 1^o Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau, 1957.

gem da região e passou a se destacar como ponto turístico na cidade. Apesar desta condição, o campo santo não deixou de exercer a sua finalidade, que é a de ser a última morada para aqueles que pertenceram à Comunidade Evangélica Luterana.

3. UMA VISITA A UM MUSEU A CÉU ABERTO – O CEMITÉRIO

Ao percorrer o Cemitério Luterano Centro de Blumenau, observa-se um espaço indiscutivelmente organizado. Estátuas, alegorias, pedras talhadas por artífices dedicados à arte de conceber na pedra a imagem da saudade. Lápides entalhadas com o cinzel, letras desenhadas em escrita gótica, desenhadas por mãos que, provavelmente, poucas eram as que sabiam ler o que estavam escrevendo. Ao observar esses e outros muitos sinais da tentativa de eternização do homem no cemitério pesquisado, percebe-se a possibilidade de apresentar à comunidade um novo olhar para este espaço, um olhar de contemplação, de preservação, de registro e de respeito pela história da sociedade blumenauense ali depositada.

A nível nacional, os cemitérios se enquadram na lei de proteção ao patrimônio histórico nacional, conquistada após o encontro promovido pelo Ministério da Educação e Cultura, realizado na capital federal na década de 1970. Desse encontro resultou um documento – Compromisso de Brasília – que deixava claro a necessidade de proteção a estes bens «[...] urge legislação defensiva dos antigos cemitérios e especialmente dos túmulos históricos e artísticos e monumentos funerários»¹⁴.

Como proposta para que esses espaços recebam a devida importância tanto da preservação, de deleite e pesquisa, aponta-se a musealização. «Musealizar é um processo constituído por um conjunto de fatores e procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação»¹⁵. Cristina Bruno, renomada pesquisadora da museologia brasileira acrescenta: «[...] processo de musealização é quando atinge a sociedade e há reciprocidade em relação às ações museológicas»¹⁶.

A proposta de musealização do Cemitério Luterano Centro de Blumenau tem como interesse o de proporcionar este novo significado a necrópole: «Um Museu a Céu Aberto». Seu acervo? Catacumbas construídas em estilos arquitetônicos diversos, história das personalidades sepultadas com reconhecimento a nível mundial,

¹⁴ LOUREIRO. Acesso em 20 de setembro de 2013.

¹⁵ BONITO, 2005:17.

¹⁶ CURY, 2006: 82.

esculturas, alegorias, epitáfios¹⁷ que deixam a história do sepultado gravada na pedra, ritos populares que traçam uma característica da região.

A seguir, alguns exemplares das sepulturas merecedoras de destaque no universo cemiterial em questão. Mesmo sendo um espaço pertencente à Igreja Luterana, o qual é mais contido em sua simbologia e ornamentos, verificou-se que em virtude da busca da possível intenção em expor a sociedade e à eternidade sua condição social, transcende aos preceitos do luteranismo. Questão também apontada na dissertação de Carvalho, sendo o Cemitério Evangélico de Porto Alegre elencado para o estudo: «[...] a arte funerária seria vista como não somente como pranteio ou recordação, mas como um veículo de comunicação da herança moral e social deixada pelos falecidos»¹⁸.

A apresentação do acervo da necrópole está focada nas representações simbólicas em questão.



Fig. 1. Sepulturas apresentando na cabeceira o “Anjo Orante”.
Fonte: Acervo da autora



Fig. 1.1. Pequenos detalhes: mãos entrecruzadas e juntas em posição de prece, vestimenta e pés descalços.
Fonte: Acervo da autora

O sepultamento neste jazigo é de uma criança, contendo na lápide o epitáfio em alemão que assim ilustra: “Unsere liebe kleine” – “Nosso pequeno amor”.

No topo da cabeceira a alegoria de um anjo, denominado na arte funerária como “Anjo Orante”. Sua cabeça está suavemente inclinada para baixo e suas mãos estão entrecruzadas e juntas em posição de prece. A vestimenta é leve, assemelhando-se a uma camisola, «[...] uma referência ao sono eterno»¹⁹.

¹⁷ Epitáfio significa “sobre o túmulo”, vem do grego: “Epi” – prefixo designa posição superior e “Tafos” – radical que significa túmulo.

¹⁸ CARVALHO, 2009.

¹⁹ ELUSTA, 2008: 78.



Fig. 2. Sepulturas tendo em sua cabeceira uma “prateadora” – Remete a mulher que chora.
Fonte: Acervo da autora



Fig. 2.1. Detalhes importantes: sua expressão, sua sensualidade e a coroa de flores.
Fonte: Acervo da autora

Na cabeceira proeminente encontra-se recostada uma pranteadora. «Remete a mulher que chora»²⁰. Chora pela ruptura da vida que a morte provocou. Na arte funerária a mulher que chora retrata a desolação. A imagem denota a desolação de uma jovem mulher com cabelos presos, sandálias estilo romano, coberta por uma veste de tecido muito fino, demarcando o corpo com a sensualidade expressa pelo ombro desnudo, deixando revelar seu corpo. Desamparada, segura na mão esquerda a coroa de flores, que representa o triunfo da vida sobre a morte. Em seus estudos sobre estas alegorias, as pranteadoras, Carvalho as classifica como «[...] estilo romântico nas figuras das pranteadoras mais sensuais por meio da valorização da beleza».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o espaço cemiterial é inevitavelmente interligar a um assunto que a maioria das pessoas prefere nem mesmo pensar: a morte. O homem se sente atemorizado pelo fato de que a morte é certa, definitiva e repleta de mistérios.

Os cemitérios que antes eram locais exclusivos para a manifestação da fé, transformaram-se em instituição cultural. Mudanças na forma de como o homem encara a morte, a aceleração do desenvolvimento econômico, as etnias que compõem a

²⁰ CARVALHO, 2009: 41.

cultura da população estão presentes nas manifestações relacionadas à morada dos mortos. Estas representações estão vinculadas à dificuldade do ser humano de aceitar a finitude e é a forma de imortalização da memória, levando em conta que a preocupação com a morada dos mortos, geralmente é dos vivos, que buscam na arte funerária evidenciar atitudes em relação à morte e ao morto.

Este espaço, que é banido do olhar do homem pela escala de valores que moldam a vida do ser humano desses últimos séculos, pode ser considerado um “Museu a Céu Aberto”. Um espaço repleto de memórias, histórias, obras de arte, simbolismos e rituais. Local de contemplação, fruição, questionamentos e reflexões. Um espaço para que a comunidade colabore na conservação, se sinta integrada e nele se reconheça.

Pode-se, assim, concluir que musealizar o cemitério, buscando proporcionar um outro olhar para o espaço, é possível. Pesquisa, comunicação e preservação são meios pelos quais o museu cumpre seu papel. Ao chamar a comunidade para que conheça e participe, terá como resultado a preservação do local e de tudo aquilo ali materializado.

Tem-se consciência que o processo de musealização é um processo muito complexo e que exige a organização de diferentes setores. A intenção desta pesquisa é a de discutir a possibilidade da musealização dos espaços cimiteriais. As questões quanto à documentação do acervo, outras formas de comunicação e a conservação do espaço, ficarão em aberto para futuras pesquisas e debates no campo museal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe (1982) – *O Homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Vol. II.
- BACA, Lauro Eduardo (2007) – *Meio ambiente em Blumenau: da pré-história a história*. In *Blumenau em Cadernos. Edição Especial 50 Anos*. Blumenau: Ed. Cultura em Movimento, Tomo XLVIII, nov./dez., n. 11/12. p. 25.
- BLUME, Sandro (2010) – *Morte e Morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano*. 291 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- BLUMENAU EM CADERNOS (2001), Tomo XLII, no 9/10, p. 20-23.
- BONITO, Ana Maria Rodrigues (2005) – *Ecomuseologia: Proposta de Ecomusealização para o Conselho da Ponta do Sol*. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Museologia, Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Geografia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- BORGES, Maria Elizia (2002) – *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (1996) – *Museologia e comunicação*. Lisboa: ULHT, 116. (Cadernos de Sociomuseologia).

- CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de (2009) – *A antiguidade classica na representacao do feminino: Pranteadoras do Cemiterio Evangelico de Porto Alegre (1890-1930)*. 256 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Artes Visuais, Departamento de Pos Graduacao em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- COSTA, Lucio (1970) – *Compromisso de Brasilia*. Disponível em: portal iphan.gov.br/porta/baixa.
- CURY, Marília Xavier (2006) – *Exposição: Concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 162 p. 82.
- ELUSTA, Halima Alves de Lima (2008) – *Visita ao museu de pedra: arte no Cemiterio da Saudade de Campinas – SP (1881-1950)*. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- ESTATUTO DOS MUSEUS. Constituição (2009). Decreto nº 11904, de 14 de janeiro de 2009. Estatuto de Museus. Brasília, DF, Etnológico, 1989. Coleção Cadernos do Patrimônio 5.
- FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabricio (2008) – *Representações da cidade: discussões sobre a historia de Timbo*. Blumenau : Edifurb; Timbo : Fundacao Cultural, 360 p, il.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade (2006) – *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. Sao Paulo: Atlas.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de (1992) – *A exposicao museologica: reflexoes sobre pontos criticos na pratica contemporanea*. Ciência em Museus, Belém, n.4 p. 103-120.
- MICHELOTTI, Denise (2011) – *Arte em vitrais: a salvaguarda, a extroversao e a sociomuseologia*. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Museologia, Departamento de Museologia, Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha de (2013) – *Da policia medica a cidade higienica*. Disponível em <http://www.ufpe.br/proext/images/publicacoes/cadernos_de_extensao/saude/policia.htm>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- MORATELLI, Maria Helena dos Santos (2008) – *Ritos funerários em Blumenau: década de 40 século XX*. 53 f, il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Historia) – Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.
- REIS, João José (1991) – *A morte e uma festa: ritos funebres e revolta popular no Brasil do seculo XIX*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- REZENDE, Eduardo Morgado (2007) – *Cemitérios*. São Paulo: editora Necrópolis.
- VALLADARES, Clarival do Prado (1972) – *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional , 2v.
- 1º Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau. 1957.

